PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 82 Fevereiro de 1974 ANO IX

Partido de Tradiçoes Combativas

O Partido Comunista do Brasil completa, a 18 de Fevereiro, doze anos de sua reorganização. Ao assinalar o acontecimento, os comunistas salientam uma vez mais sua significação e seu alcance político, procuram avaliar as experiências adquiridas e empenham-se em tornar-se plenamente conscientes de seu papel a fim de fazerem avançar a revolução nacional e democrática até a vitória do socialismo. Estão seguros do êxito de sua causa pois confiam nas massas, guiam-se pela doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin, possuem uma linha política acertada e contam com a solidariedade ativa do proletariado internacional e dos povos oprimidos.

A realização da Conferência Nacional Extraordinária do Partido, em 1962, representou uma séria derrota do revisionismo contemporâneo, da reação interna e do imperialismo, que se haviam mancomunado para liquidar o partido do proletariado, desmoralizar o marxismo-leninismo e extinguir as esperanças na revolução e no socialismo. Prestes, à frente dos revisionistas brasileiros, abandonara o tradicional partido dos comunistas, formara um agrupamento de tipo social-democrata, reformista burguês, e renegara os princípios revolucionários. A Conferência Nacional Extraordinária reuniu os comunistas que se opunham à traição de Prestes e seus seguidores, marcando uma rutura completa em todos os terrenos - ideológico, político e organizativo - com os revisionistas. Aprovou o Manifesto-Programa, restabeleceu os princípios e as normas leninistas de organização e elegeu um novo Comitê Central. Essa foi uma grande demonstração de vitalidade das idéias marxistas-leninistas, dos fortes anseios revolucionários do proletariado e do povo, do amadurecimento do processo democrático e antiimperialista. Constituíu um passo decisivo para enfrentar e resolver de forma correta os problemas cardeaes da revolução brasileira. Ao mesmo tempo que mantinha seu caráter e suas qualidades de classe, o Partido se renovava, livrando-se da escória oportunista.

Poucos, porém, acreditaram que naquele momento estivessem em jogo questões de tal magnitude. Ao contrário, muitos atribuíram ao episódio motivos de ordem secundária. Por isso, ao lado das previsões sombrias sobre o futuro da decisão dos comunistas, choveram as ameaças e os ataques, desde a extrema direita até os trotsquistas. Havia mesmo pessoas que, honestamente, não compreendiam fosse possível afrontar internacionalmente o revisionismo no instante em que o seu maior corifeu, Kruschov, pontificava em tudo, no auge da notoriedade. Ou que, no plano nacional, se justificasse remar contra a maré montante do reformismo, chegada ao apogeu no período do governo de João Goulart, com o qual os revisionistas de Prestes colaboravam cem por cento. Ademais, os efetivos do Partido eram pequenos, seus quadros reduzidos, suas ligações com as massas bastante débeis. Realmente, a situação se afigurava muito desfavorável.

Entretanto, os comunistas não se assustaram. Longe disso, trataram de arrostar as borrascas com a coragem e a determinação exigidas pelas circunstâncias. Para superar tamanhas dificuldades, possuíam magnífica tradição combativa. Sabiam, igualmente, que na luta de classes só tem valor e futuro a política de princípios, e desde que estes correspondam ao curso real dos acontecimentos. Caso contrário, de nada adiantam os bons ou maus vaticínios, os exorcismos ou as imprecações, as perfídias demagógicas ou os mais hediondos crimes do fascismo. Para fazer vingar a causa dos explorados e oprimidos é preciso ter capacidade de revelar em seus múltiplos aspectos as contradições do regime capitalista e imperialista e não

Continua na página 2

Continuação da 1a. página

temer adotar o caminho revolucionário. O PC do Brasil sobreviveu a todas as vicissitudes e se fortaleceu porque baseou sua orientação na teoria científica e invencível da classe operária, propugnou e continua a defender os interesses fundamentais dos trabalhadores e do povo e permaneceu fiel ao movimento comunista internacional. Conquistou seu direito à existência política em duros combates. Vem-se impondo como uma força respeitável e converte-se na maior esperança das massas populares do país, ao passo que seus inimigos e detratores, mormente os revisionistas, foram severamente desmascarados, sofreram pesadas derrotas e mergulharam numa crise irremediável.

A trajetória do Partido, nesses doze anos de reorganização, significou de fato uma porfia para vencer a corrente contra-revolucionária. Pontilhada de lutas ásperas e de diferentes tipos, ensinou aos comunistas preciosas lições que enriqueceram seu cabedal político e ideológico. Nesse processo eles aprenderam a caracterizar sem titubeios os inimigos principais e os secundários bem como a distinguir os amigos permanentes dos eventuais. Identificaram melhor a natureza e as táticas do imperialismo norte-americano - o pior inimigo do nosso povo - assim como descobriram a catadura do não menos perigoso e feroz social-imperialismo soviético. Revelaram com maior precisão o papel da burguesia nacional, seu jogo duplo, suas indecisões e sua incapacidade para dirigir vitoriosamente a revolução. Destacaram ainda mais a importância do campesinato como aliado fundamental do proletariado, dando prioridade à atuação entre os camponeses e às ações no campo. Valorizaram devidamente a necessidade do estudo da realidade concreta e do domínio da teoria marxista-leninista. Compreenderam e vêm tentando sistematizar a experiência do trabalho para ganhar as massas e do manejo das formas de luta, notadamente da luta armada, a fim de que o movimento popular tenha sucesso. Em suma, a vida do Partido nesse período - como aliás em toda a sua história tem sido uma batalha tormentosa, constante, abnegada dos comunistas para integrar a verdade universal do marxismo-leninismo com a prática da revolução brasileira, para fortalecer a organização e transformá-la num instrumento apto a orientar a classe operária e seus aliados na senda do triunfo.

O Partido Comunista do Brasil, há quase dois anos, entrou numa nova fase de sua existência, fase determinada pelo surgimento no país dos primeiros e promissores embriões da guerra popular, bandeira que o Partido desfraldou desde a VI Conferência Nacional, em 1966. Como se previa, a luta armada, mesmo no início e em pequena escala, acarretaria significativas alterações na atividade do Partido e estaria destinada a ter grandes repercussões na vida nacional. O Partido seria chamado a polarizar as aspirações democráticas e libertadoras do povo brasileiro e, simultaneamente, se tornaria alvo de furiosa perseguição da ditadura militar e do imperialismo norte-americano. Os inimigos se juntariam e intensificariam sua repressão com o objetivo de destruí-lo como força organizada e eliminar fisicamente seus dirigentes e ativistas. Os fatos confirmam essas previsões. Nunca foram tão graves as investidas da reação contra os comunistas. Jamais a luta pela sobrevivência da vanguarda marxista-leninista e pelo futuro da revolução brasileira esteve tão aguda.

Por isso, no 12º aniversário da reorganização de seu partido, os comunistas, se bem que estejam orgulhosos com as vitórias alcançadas, acham-se conscientes de suas responsabilidades e das gigantescas tarefas que têm sobre os ombros. Inspirados na justeza de sua causa e no exemplo dos que se sacrificaram, sentem que é hora de pôr em tensão todas as energias, estreitar mais solidamente suas fileiras, elevar seu nível de atuação para aplicar com sucesso a linha revolucionária, reforçar a vigilância e preservar com habilidade suas forças a fim de que a luta não tenha solução de continuidade.

O glorioso Partido Comunista do Brasil triunfará com certeza nesta nova e duríssima prova. Já mostrou, várias vezes, que é indestrutível. Amadureceu em experiência. Deve agora revelar-se capaz de dirigir com êxito as massas trabalhadoras e o povo brasileiro em sua marcha pela libertação nacional e social.

AMAZÔNIA: para quem?

Nos últimos meses de seu despótico e sanguinário governo, Garrastazu Médici dedicou-se às inaugurações. Entre as obras inauguradas - além da ponte Rio-Niterói e do suntuoso edifício da SUDENE em Recife, ricos empreendimentos num país de grande pobreza - encontra-se a Transamazônica, objeto de intensa demagogia na propaganda do regime.

A Transamazônica ocupa lugar saliente no gasto dos dinheiros públicos. Somente o trecho que vai de Estreito a Humaitá consumiu, até agora, a soma fabulosa de 704 milhões e 440 mil cruzeiros (cerca de 120 milhões de dólares). Em 1970, o custo havia sido calculado na base de 65 mil cruzeiros por quilômetro. Executado o plano, verificou-se que essa cifra subira para 300 mil. A estrada, em grande parte, acompanha o curso de extensos e caudalosos rios e, na prática, substitui o transporte fluvial de baixo preço, pelo rodoviário cada vez mais caro.

Quando começava o desmatamento da área, Médici apresentou a Transamazônica como via de integração nacional. E afirmou também que ali seriam resolvidos os problemas sempre mais graves das tensões sociais do Nordeste, com ~~xxxxx~~ a transferência de centenas de milhares de famílias camponesas para a Amazônia. Na realidade, seu principal objetivo era facilitar a exploração das riquezas naturais pelos monopólios estrangeiros e implantar na região vastas fazendas destinadas à pecuária extensiva.

A demagogia social durou pouco, porém. Em abril de 1972, os moradores do sul do Pará empunharam armas para se opor à grilagem e à violência brutal da ditadura. Os generais não conseguiram esmagar a resistência dos combatentes da selva, apesar de terem mobilizado tropas e apetrechos bélicos em grande quantidade. Contando com a ampla simpatia e o apoio das massas do interior, os guerrilheiros do Araguaia abriram um novo e promissor caminho à luta do povo brasileiro. Desde então, espalhou-se o pânico entre os militares. A possibilidade de surgirem outros Araguaias transformou-se para eles num terrível pesadelo. Os projetos de transferência de camponeses foram suspensos e começaram as perseguições e restrições aos lavradores.

Prisões, espancamentos, humilhações, ameaças de toda a ordem sofrem, particularmente, os que habitam as áreas próximas de onde ocorrem as guerrilhas. Em reportagem de 29 de janeiro, em que pese a censura, um jornalista de "O Estado de S. Paulo" escreveu: "De Estreito a Marabá a estrada está bem, segundo o DNER. Aí trafegam cerca de 100 veículos por dia, inclusive ônibus, que têm que parar nas quatro barreiras do Exército ao longo de 252 quilômetros para que todos os passageiros e a bagagem sejam revistados. Ali perto ainda estão os guerrilheiros". Uma simples faca de mato, mesmo um canivete são apreendidos como armas perigosas pelos soldados. Qualquer dúvida sobre a identidade de uma pessoa resulta em sua detenção e em inquirições vexatórias.

Inicialmente, as autoridades exigiram rigorosa seleção dos que desejavam ir para as zonas de colonização. Nesse sentido o INCRA realiza autêntico trabalho policial e faz exigências descabidas. Depois, instituíram a carteira de identificação provisória, a fim de controlar rigidamente todos os que circulam na Amazônia. Mais tarde, proibiram em certas áreas a caça e a pesca, visando a obrigar os posseiros a abandonar a região. Agora, chegaram ao cúmulo do absurdo. Uma notícia publicada na imprensa paulistana diz que "a criação de pelotões de patrulhamento ostensivo para percorrer rios e a floresta é a fórmula que o Comando Geral da Polícia Militar de Mato Grosso está estudando para conter os fluxos de migração na Amazônia, atendendo ao interesse do governo do Estado em se antecipar à presença de agricultores que consideram 'indesejáveis'". A idéia é do sr. Gabriel Muller, presidente da CODEMAT, que afirmou ser a finalidade essencial de tal milícia "proteger os latifúndios da invasão de posseiros", "fazer triagem de todos aqueles que desejam estabelecer-se na Amazônia mato-grossense", "e impedir o ingresso nessas áreas não apenas de levas de imigrantes mas também o deslocamento, de uma para outra área de Mato Grosso de posseiros instalados há muito tempo". Ele exprime, no caso, a opinião dos militares retrógrados que governam o Brasil.

A implantação de tão desbragado policialismo nas zonas pioneiras da Amazônia revela o medo dos generais e o esforço que realizam para impedir a entrada aí de lavradores provenientes de outros Estados. Acontece que o norte de Mato Grosso e o sul do Pará cons-

Continua na página 4

Continuação d...

tituíam ...
não tê...

...erdade para JOSÉ DUARTE

Nas prisões da ditadura militar-fascista, onde se encontra desde outubro de 1972, o antigo dirigente proletário José Duarte sofreu um derrame cerebral e sua vida se encontra em grave perigo. O acidente que afetou sua saúde é consequência dos maus-tratos por que passou nos cárceres durante longo período.

José Duarte foi detido em Salvador, Bahia, há quase um ano e meio. Conduzido logo depois para São Paulo, encerraram-no nas masmorras da famigerada OBAN e o submeteram a selvagens torturas. Os verdugos ameaçaram inúmeras vezes exterminá-lo fisicamente. Enviado, mais tarde, para Fortaleza, Ceará, aí se repetiram as violências contra o velho lutador de vanguarda. Ocorreu, nesse Estado, uma greve de fome entre os presos políticos para protestar contra as condições subumanas em que eram mantidos no presídio. Duarte foi acusado de ser o incentivador da greve. Puseram-no largo tempo numa solitária acanhada e imunda. Desde que foi encarcerado, ele é vítima de constantes e brutais interrogatórios. Contando 66 anos de idade, sua saúde ressentiu-se seriamente dos castigos que lhe infligiram.

A ditadura militar procura liquidar esse valente e corajoso filho da classe operária, que dedicou sua existência à causa dos explorados e oprimidos sem medir sacrifícios nem recuar diante das maiores dificuldades. José Duarte é um digno representante do proletariado, um ardoroso combatente da emancipação nacional e social do povo brasileiro. Defender sua vida é lutar pela liberdade e pelos direitos sagrados das massas populares, constitui um dever de todos os patriotas e democratas.

É preciso protestar contra o banditismo policial, contra os suplícios de presos políticos. É necessário exigir tratamento médico e condições de recuperação para José Duarte. Impõe-se reclamar sua imediata liberdade.

DO MANIFESTO PROGRAMA DO PC DO BRASIL (Aprovado em 18 de fevereiro de 1962)

"Um governo popular revolucionário, fiel intérprete da soberania do povo, assegurará a plena democratização da vida política brasileira, garantindo ampla liberdade de palavra, de reunião, de associação, de greve, de imprensa, de culto religioso. Outorgará o direito de voto a todo cidadão, independentemente de nacionalidade e instrução. Combaterá todas as formas de racismo. Suprimirá os órgãos de repressão contra o povo".

REPRESSÃO NA ARGENTINA (Continuação da página 7)

mo tal. Mas a crescente restrição às liberdades conduz a um regime antidemocrático e antipopular. A experiência indica que as leis de exceção e a perseguição contra a esquerda, contra os comunistas, abrem o caminho para os fascistas. O povo argentino tem diante de si sérias e complexas tarefas. Seguramente unirá mais e mais suas fileiras, defenderá com firmeza a liberdade, isolará os reacionários e barrará energicamente a ascensão do fascismo quaisquer que sejam as formas que adote ou os setores que o representem.

Liberdade para JOSÉ DUARTE

Nas prisões da ditadura militar-fascista, onde se encontra desde outubro de 1972, o antigo dirigente proletário José Duarte sofreu um derrame cerebral e sua vida se encontra em grave perigo. O acidente que afetou sua saúde é consequência dos maus-tratos por que passou nos cárceres durante longo período.

José Duarte foi detido em Salvador, Bahia, há quase um ano e meio. Conduzido logo depois para São Paulo, encerraram-no nas masmorras da famigerada OBAN e o submeteram a selvagens torturas. Os verdugos ameaçaram inúmeras vezes exterminá-lo fisicamente. Enviado, mais tarde, para Fortaleza, Ceará, aí se repetiram as violências contra o velho lutador de vanguarda. Ocorreu, nesse Estado, uma greve de fome entre os presos políticos para protestar contra as condições subumanas em que eram mantidos no presídio. Duarte foi acusado de ser o incentivador da greve. Puseram-no largo tempo numa solitária acanhada e imunda. Desde que foi encarcerado, ele é vítima de constantes e brutais interrogatórios. Contando 66 anos de idade, sua saúde ressentiu-se seriamente dos castigos que lhe infligiram.

A ditadura militar procura liquidar esse valente e corajoso filho da classe operária, que dedicou sua existência à causa dos explorados e oprimidos sem medir sacrifícios nem recuar diante das maiores dificuldades. José Duarte é um digno representante do proletariado, um ardoroso combatente da emancipação nacional e social do povo brasileiro. Defender sua vida é lutar pela liberdade e pelos direitos sagrados das massas populares, constitui um dever de todos os patriotas e democratas.

É preciso protestar contra o banditismo policial, contra os suplícios de presos políticos. É necessário exigir tratamento médico e condições de recuperação para José Duarte. Impõe-se reclamar sua imediata liberdade.

DO MANIFESTO PROGRAMA DO PC DO BRASIL (Aprovado em 18 de fevereiro de 1962)

"Um governo popular revolucionário, fiel intérprete da soberania do povo, assegurará a plena democratização da vida política brasileira, garantindo ampla liberdade de palavra, de reunião, de associação, de greve, de imprensa, de culto religioso. Outorgará o direito de voto a todo cidadão, independentemente de nacionalidade e instrução. Combaterá todas as formas de racismo. Suprimirá os órgãos de repressão contra o povo".

REPRESSÃO NA ARGENTINA (Continuação da página 7)

no tal. Mas a crescente restrição às liberdades conduz a um regime antidemocrático e antipopular. A experiência indica que as leis de exceção e a perseguição contra a esquerda, contra os comunistas, abrem o caminho para os fascistas. O povo argentino tem diante de si sérias e complexas tarefas. Seguramente unirá mais e mais suas fileiras, defenderá com firmeza a liberdade, isolará os reacionários e barrará energicamente a ascensão do fascismo quaisquer que sejam as formas que adote ou os setores que o representem.

Continuação da página 3

tituíam as principais e quase únicas frentes de migração das massas pobres do campo. Elas não têm para onde ir. As terras devolutas lá existentes são o meio que buscam para assegurar sua miserável sobrevivência.

Enquanto isto sucede, a Amazônia vai sendo ocupada por grandes capitalistas estrangeiros e por abastados empresários do sul do país. Grupos imperialistas norte-americanos, japoneses, alemães, suiços e outros adquirem vastos feudos e se assenhoreiam das riquezas da região. Baseadas em incentivos fiscais, instalam-se gigantescas companhias, mais preocupadas com a posse de enormes áreas do que propriamente com a sua imediata exploração. Os camponeses e os índios são enxotados como intrusos. O contraste não podia ser mais chocante.

É evidente que a Transamazônica nada tem a ver com integração nacional ou localização de trabalhadores rurais. Faz parte de um plano de retalhação dessa parte do território pátrio em favor dos potentados brasileiros e, principalmente, dos magnatas de fora. Mas semelhante orientação somente faz agravar o problema da terra no Brasil, contribui para intensificar mais ainda o conflito crônico e inevitável com as massas camponesas desprovidas de todo recurso.

A criminosa política dos militares fascistas na Amazônia precisa ser destroçada, e não o será sem dura luta. Daí a importância da resistência armada do sul do Pará. O exemplo dos guerrilheiros do Araguaia aparece como o caminho da libertação, da solução de questões cruciais que a nação defronta. Cada dia com maior força esse exemplo se destaca para todos os que querem a liberdade, o progresso e a independência nacional.

A Amazônia para o povo e não para os opressores! É a exigência de todos os verdadeiros patriotas.

DO MANIFESTO PROGRAMA DO PC DO BRASIL (Aprovado em 18 de fevereiro de 1962)

" Um governo popular revolucionário acabará de uma vez para sempre com a espoliação que as empresas e os capitais norte-americanos realizam no país. Suspenderá o pagamento da dívida externa. Instituirá o monopólio estatal do comércio exterior. Denunciará os acordos e tratados lesivos ao Brasil, adotará uma política internacional de paz e de solidariedade com todos os povos que lutam por sua independência. Manterá relações em pé de igualdade com todos os países."

....

" Um governo popular revolucionário, procurando abrir caminho para o mais rápido desenvolvimento do país, realizará uma reforma agrária radical que acabe com todos os tipos de latifúndio e com tôdas as formas de exploração feudais. Desapropriará as propriedades latifundiárias e assegurará a posse da terra aos que trabalham ou desejem trabalhar no campo. Estimulará o cooperativismo. Garantirá aos camponeses crédito, ajuda técnica, preços mínimos compensadores e facilidades para o armazenamento e colocação de seus produtos. Com o fim de manter a unidade econômica dos grandes estabelecimentos agro-pecuários de alta produtividade, entregará a terra e os pertences destes estabelecimentos aos trabalhadores agrícolas sob a forma de propriedade coletiva e criará fazendas-modelo de propriedade do Estado."

....

" Um governo popular revolucionário terminará com a carestia de vida, adotando drásticas medidas contra a inflação e contra os açambarcadores e especuladores. Incentivará a produção e reduzirá os impostos que incidem sobre os artigos de primeira necessidade. Reajustará os salários e vencimentos. Reorganizará a previdência social de modo a garantir aos beneficiários aposentadorias e pensões adequadas."

Traduzido

Desenvolver a Ação de Massas

Na nobre e ingente batalha que o povo brasileiro trava para livrar-se da ditadura militar-fascista e do jugo do imperialismo norte-americano, cabe papel relevante à ação política de massas, nas cidades e no campo. Existem condições favoráveis a seu desencadeamento, ampliação e radicalização. Só através dela é possível desenvolver a guerra popular - único caminho capaz de conduzir à emancipação nacional e à liberdade. Dezenas e centenas de golpes, ainda que pequenos, ajudam a minar e a desgastar o poder dos inimigos e contribuem para fortalecer a oposição e unificar as dispersas mas imensas forças democráticas e antiimperialistas.

O movimento de massas ainda não corresponde ao grau de descontentamento e aos anseios da esmagadora maioria da nação. Os governantes continuam a sufocar pelos métodos mais brutais todos os legítimos reclamos do povo. É certo que surgiu a guerrilha no sul do Pará, a qual vem ocupando destacado lugar no cenário político do país e colocando em primeiro plano a necessidade de incrementar a guerra popular. Mas esta não significa apenas luta armada. Na verdade, pressupõe as mais diferentes formas de ação, exige intensa mobilização dos trabalhadores em torno de suas reivindicações e direitos a fim de que, nesse processo, eles elevem sua consciência política e seu nível de organização e unidade.

Acresce que pelos vastos rincões do Brasil as massas estão insatisfeitas, desejosas de cultura, progresso e liberdade, buscam meios de enfrentar seus exploradores e opressores. No entanto, muitas vezes não sabem orientar-se, nem encontram sempre dirigentes experimentados e, assim, vêem-se de algum modo frustradas em suas iniciativas. De seu lado, as organizações e os partidos revolucionários ainda não se dedicam inteiramente ao trabalho de massas nem a elas se ligam solidamente. Muitos ativistas têm incompreensões a respeito dessa tarefa, não a consideram revolucionária e sim reformista, oportunista, coisa insignificante. Negam a possibilidade de realizar hoje tais ações e, portanto, não podem nem pensar em torná-las amplas e poderosas.

É preciso romper com essas debilidades e compreender que tais pontos-de-vista são falsos. O problema de confiar nas massas e ganhá-las para a revolução é básico, quer teórica, quer politicamente. Não é necessário invocar exemplos do passado brasileiro nem a experiência recente da Espanha, da Grécia ou da Tailândia para se convencer de sua importância e inevitabilidade. Sem dúvida, no Brasil, os generais, além de contarem com as baionetas, recorrem ao terror com o propósito de impedir a menor manifestação de descontentamento. Chegam mesmo aos extremos limites do banditismo para calar a voz dos que aspiram a uma vida melhor. O governo fascista de Médici excedeu-se em atrocidades a fim de esmagar todo germe de resistência patriótica, garantir ordem e tranquilidade em benefício de seus amos norte-americanos, dos latifundiários e dos grandes capitalistas ditos brasileiros.

Como resultado dessa política, a situação do país é calamitosa e agravam-se de maneira sem precedentes os sofrimentos de mais de 90% da população. Só uma minoria de apaniguados, que vive à tripa-forra, apóia o sistema imposto em 1964. Este sistema não resolveu nem podia resolver nenhum dos grandes males que afligem de longa data a nação. Apesar da despudorada demagogia e da feroz repressão que empreenderam, os generais só colheram fracassos e seu regime entrou num rápido processo de desmoralização. Em consequência, intensifica-se como nunca o sentimento de repulsa do povo contra o estado de coisas imperante. As forças democráticas não se intimidaram nem enveredaram pela senda da conciliação com a ditadura. Ao contrário, apelaram para a ação combativa das massas, a fim de se oporem decididamente ao regime vigente. Tais forças vão-se convencendo de que a ditadura, ao temer o povo e empregar a violência para reprimi-lo, dá sinal de fraqueza, revela não ter futuro. E como se multiplicam os motivos e os fatores objetivos que agem em favor da resistência popular, possibilitando até mesmo a ocorrência de explosões de massa, as condições de um grande avanço da causa antiditatorial são cada vez melhores.

As ações de massa ocorridas no ano passado, que tiveram papel político significativo, ilustram essas possibilidades. Se bem que não houvessem atingido proporções elevadas, exerceram influência sobre o conjunto da situação, ofereceram valiosas experiências e demonstraram que a oposição popular pode ampliar-se. As greves e outras manifesta -

Continua na página 6

ções contra os salários de fome e a alta desenfreada do custo de vida, mesmo restritas, assinalaram a reanimação do movimento proletário cujo imenso pótencial revolucionário inquieta sobremodo xx a reação. Também os protestos das donas-de-casa e de outros setores da população contra a carestia e a falta de gêneros alimentícios indicaram concretamente que sua indignação não será contida por muito tempo. Os estudantes, que se acham entre os mais firmes baluartes da oposição, conseguiram impedir a total aplicação do esquema do ensino pago, repudiaram o decreto 477, denunciaram a reforma universitária de tipo ianque e condenaram as torturas e os assassinatos praticados pelos serviços especiais de repressão contra seus colegas. Alcançou maior altura, no país e no exterior, a campanha de solidariedade às vítimas do fascismo brasileiro que, acuado em face da acusação dos democratas, tentou mentir com o maior cinismo, procurando negar seus crimes. Novas forças e elementos representativos ergueram-se nacionalmente exigindo a abolição do AI/5, o fim da censurá, do descarado entreguismo, da desbragada corrupção e de tudo o que há de podre no reino dos militares.

Mas foi principalmente no campo que se deram as lutas mais importantes do ano que passou. No sul do Pará prosseguem, com êxito, a resistência guerrilheira e as ações de massas contra as arbitrariedades da polícia e das tropas da ditadura. A União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo continua a agrupar os camponeses e os moradores dos pequenos povoados. Em outras regiões do país houve choques armados de lavradores xxxx com capangas de latifundiários e soldados das Polícias Militares estaduais. Inúmeros posseiros, semi--proletários e assalariados agrícolas levantaram-se para defender as x glebas que cultivam ou protestar contra a prepotência dos grandes proprietários, reclamando justiça e liberdade. Até os índios, que há séculos vêm sendo sistematicamente expulsos de suas terras e exterminados, voltaram a proclamar seus direitos, dispondo-se à luta por uma vida livre, sem intromissões, discriminações e perseguições.

Todas estas ações ocasionaram enormes dificuldades à política antinacional e liberticida dos generais. Permitiram melhor caracterização da catadura fascista do governo Médici e seu maior isolamento. Contribuíram para aprofundar as divergências entre as camarilhas militares, obrigando-as a fazer novos malabarismos a fim de justificar o regime. E, o que é mais expressivo, ajudaram a descobrir x x que a decantada fortaleza da ditadura é vulnerável, não tem a solidez que aparenta. Pode ser destruída, desde que as massas se unam realmente e atuem de modo revolucionário, sob uma direção firme, consequente.

As lições do movimento de massas do ano findo precisam ser estudadas com a maior atenção. E'certo que muitas ações eram espontaneas, mas algumas resultaram de trabalho organizado, paciente, de preparação mais ou menos prolongada. Todas partiram de condições objetivas e subjetivas concretas e formularam, em geral, reivindicações que correspondiam aos desejos de seus participantes em cada lugar e momento. Em sua maioria, tiveram como denominador comum a defesa de direitos democráticos, o problema sentido da liberdade - de reivindicar, reunir, formar associação, falar, pensar, não ser perseguido sem motivo. As formas dessas lutas não foram inventadas. Surgiram do exame da situação real. Foram desde os memoriais, como no caso das "Mães da Periferia", em São Paulo, da "Operação Zelo", em certas fábricas paulistas, até a luta armada no campo. Refletiram o nível de compreensão das massas e em certa medida seu atraso no terreno da organização. Mas revelaram que a classe operária e o povo elaboram sempre novas formas de atuação e sabem combinar as antigas com as novas, sem nenhum dogmatismo ou doutrinarismo. Mostraram que as ações no campo tendem a se radicalizar e a resistência armada pode surgir. Outro aspecto importante das ações de massas é que, em muitos casos, foram realizadas utilizando as próprias leis existentes, justificadas por longas negociações com as autoridades. Apresentaram-se com caráter defensivo. Não esgotaram suas possibilidades. E, se tivessem melhor orientação, poderiam ter assumido proporções maiores.

Os comunistas, estimulados com estes êxitos, precisam tomar em suas mãos o trabalho de massas com grande energia. Devem, em ligação com a classe operária, os camponeses, os estudantes, as donas-de-casa e outras camadas da população, elaborar métodos de atuação capazes de ~~levantá-las~~ elevar o movimento democrático e antiimperialista à altura de suas necessidades. Assim, poderão dar apoio ativo aos que se empenham na luta armada, preservar suas organizações e seus militantes dos furiosos ataques do inimigo e desenvolver a consciência política das massas.

A imensa maioria da nação está interessada em derrubar a ditadura militar fascista. Este é o maior anseio nacional. Mobilizemos e unamos o povo para conquistar esse grandioso objetivo.

Repressão na Argentina

Volta a intensificar-se a reação na Argentina. Aceleradamente, o governo peronista adota medidas extremadas de combate ao movimento popular. Ao mesmo tempo que persegue os revolucionários e correntes progressistas dá apoio aberto às forças conservadoras e aos elementos furiosamente anticomunistas. Parlamentares e governadores de Províncias, que defendem posições democráticas, vêem-se obrigados a renunciar a seus mandatos, enquanto antigos policiais, outrora afastados de seus cargos como torturadores de presos políticos, são reconduzidos à direção do aparelho repressor. Nas Forças Armadas, generais e coronéis ultradireitistas assumem os postos-chave.

O governo procura justificar tais medidas alegando o crescimento de atividades terroristas no país. Se bem que existam essas atividades, a repressão se dirige fundamentalmente contra as massas populares, trata de golpear os setores mais combativos do povo utilizando velhos e desmoralizados chavões reacionários.

Na Argentina, o que realmente progrediu foi o movimento popular de massas com características revolucionárias, e não o terrorismo propriamente dito. Apoiado na combatividade da classe operária, esse movimento obteve em acirrada luta importantes vitórias. Derrubou a ditadura militar e, em seguida, impôs a liquidação das leis de exceção, a anistia aos presos políticos, a supressão dos órgãos especiais de repressão. Forjava-se a unidade popular, crescia a exigência da solução dos problemas de fundo que se agravam no país vizinho.

Peron não via com bons olhos esse processo político. Sua aspiração era desenvolver um movimento reformista, pacífico, acomodado. Representando os interesses de classe da burguesia argentina - temerosa do impulso revolucionário dos trabalhadores e inquieta ante a ameaça do expansionismo "brasileiro" no Continente - pensava enquadrar as massas nos marcos das conveniências dessa classe que concilia, sempre mais, com o imperialismo e as velhas oligarquias. Seu intento, porém, chocou-se com os sentimentos e os anseios do povo que reclama liberdade e a execução de um programa de emancipação nacional. Por isso, desde que chegou ao governo, a preocupação maior de Peron é atacar a esquerda e dividir as forças populares. Esforça-se, com a ajuda dos pelegos, em desviar a classe operária da sua missão de núcleo aglutinador da unidade revolucionária do povo. Quando no exílio, usava e abusava da linguagem esquerdista, pretendendo atrair as correntes progressistas e em partiuular a juventude para o seu partido justicialista. Agora, seu palavreado é bem diferente. Já não ataca os reacionários e menos ainda os gorilas. Segundo ele, o inimigo é o extremismo e o centro da atividade antiargentina se encontra em Paris e não em Washington. Sua luta contra a esquerda visa também a ganhar as boas graças do capital estrangeiro.

O atual presidente da Argentina usa o terrorismo como pretexto. É sabido que as atividades terroristas no sul do Hemisfério são, em grande parte, organizadas e financiadas pelos serviços secretos dos Estados Unidos. A Missão Militar norte-americana, como assinalou a imprensa portenha, desenvolveu intenso trabalho para criar nesse país do Rio da Prata organizações parapoliciais e paramilitares que realizam atos de terror com o fim de fazer provocação política. Levam a cabo, igualmente, o assassínio de peronistas mais avançados, de marxistas-leninistas, de políticos e de dirigentes sindicais democratas. Agentes ianques especializados nas técnicas do diversionismo atuam também entre os trotsquistas, que pretendem passar por socialistas radicais mas que, em geral, fazem o jogo da reação. Ao invés de atacar a verdadeira fonte de onde emanam as ações provocadoras, Peron se volta contra o movimento democrático e revolucionário. E com isto incentiva as forças de direita que se arregimentam e conspiram para ocupar o Poder.

Recrudesce, assim, o perigo do fascismo na Argentina. Sem dúvida, o governo de Peron não é uma ditadura fascista. Seria erro identificá-lo, no presente momento, co-

Continua na página 8